

PRECONCEITO NA ENFERMAGEM PERCEBIDO POR ENFERMEIROS: UMA ABORDAGEM QUANTITATIVA *

NURSES' PERCEPTION OF PREJUDICE IN THE WARD: A QUANTITATIVE APPROACH

PREJUICIOS QUE SIENTEN LOS ENFERMEROS EN SU PROFESIÓN: UN ENFOQUE CUANTITATIVO

Elaine dos Santos Jesus¹
Leoana Reis Marques²
Luana Conceição Fortes Assis³
Taisy Bezerra Alves⁴
Genival Fernandes de Freitas⁵
Taka Oguisso⁶

RESUMO

Objetivos: Identificar a existência de preconceitos relacionados com a profissão de enfermagem; levantar os tipos de preconceitos percebidos pelos enfermeiros; descrever quem eram as pessoas que os manifestavam; e pontuar as formas de enfrentamento. **Métodos:** Trata-se de um estudo quantitativo, histórico-social e exploratório para o qual foram realizadas 23 entrevistas. **Resultados:** As manifestações de preconceito foram apontadas em diversos ambientes, até mesmo no familiar. A população-alvo do estudo é composta por enfermeiros formados em diferentes décadas (de 1940 a 2000). **Conclusão:** A investigação poderá despertar o interesse por novas pesquisas, aprofundando questões e problematizações que envolvam as percepções sobre a temática.

Palavras-chave: História da Enfermagem; Preconceito; Percepção; Enfermeiros; Enfermeiras; Pesquisa Qualitativa; Pesquisa em Enfermagem.

ABSTRACT

Objectives: This study aims to identify the existence of prejudice related to the nursing profession, to recognize the types of prejudice perceived by nurses, to describe who expresses it and to highlight ways to face it. **Methods:** It is a quantitative, history-social and exploratory study, with 23 interviewed participants. **Results:** Prejudice was present in several circumstances, including inside family context. The target group is of nurses graduated between 1940 and 2000. **Conclusion:** The research may encourage interest in new studies as well as deeper questions and problems that involve perceptions related to prejudice.

Key words: History of Nursing; Prejudice; Perception; Nurses, Male; Nurses; Qualitative Research; Nursing Research.

RESUMEN

Objetivos: Identificar la existencia de prejuicios relacionados con la profesión, hacer un relevamiento de los tipos de prejuicios que sienten los enfermeros; describir quiénes eran las personas que los manifestaban e indicar formas de enfrentarlos. **Métodos:** Se trata de un estudio cuantitativo, histórico-social y exploratorio para el cual fueron realizadas 23 entrevistas. **Resultados:** Las manifestaciones de prejuicio fueron detectadas en varios ambientes, incluso en el familiar. La población objeto de estudio estuvo compuesta por enfermeros graduados entre los años 1940 y 2000. **Conclusión:** La investigación podrá despertar interés por nuevas encuestas, profundizando cuestiones y problemas que involucren percepciones sobre la temática.

Palabras clave: Historia de la Enfermería; Prejuicio; Percepción; Enfermeros; Enfermeras; Investigación Cualitativa; Investigación en Enfermería.

* Estudo realizado com Enfermeiras no Estado de São Paulo.

¹ Enfermeira pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. E-mail: elainesj3@usp.br.

² Enfermeira pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. E-mail: xlerex@gmail.com.

³ Enfermeira pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. E-mail: luanaasis@usp.br.

⁴ Enfermeira pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. E-mail: taisy@usp.br.

⁵ Professor Doutor do Departamento de Orientação Profissional da EEUSP. E-mail: genivalf@usp.br.

⁶ Professora titular do Departamento de Orientação Profissional da EEUSP. E-mail: takaoguisso@usp.br.

Endereço para correspondência: Elaine dos Santos Jesus. Rua Dirce, 323, Vila Guilherme - São Paulo/SP. CEP 02077-080. Tel: 69015458.

INTRODUÇÃO

Muitos alunos demonstram interesse em aprofundar estudos sobre a história da enfermagem por meio de um trabalho prático de pesquisa. Em todos os anos, há um grupo de alunos disposto a participar da elaboração de um projeto de pesquisa. Esse foi o caso das quatro alunas que compõem o grupo de co-autoras que desenvolveu este estudo com muito entusiasmo, dedicação, interesse e seriedade, motivadas pela curiosidade de aprender e percorrer os meandros de um trabalho investigativo, sob a orientação dos docentes responsáveis pelo módulo de História da Enfermagem.

A trajetória da enfermagem traz consigo diversos estereótipos e preconceitos que foram historicamente determinados e reforçados pelo fato de ser vista como uma profissão de desempenho basicamente manual, além de ter sido e continuar sendo exercida, predominantemente, por mulheres, o que leva essa prática profissional a ser socialmente desvalorizada.

O estereótipo não se confunde com o preconceito, mas é um dos seus elementos. Este último é uma reação individual, enquanto o primeiro, predominantemente um produto cultural,¹ é uma forma rígida e anônima reprodutora de imagens e comportamentos que categoriza e separa os indivíduos.

Estudando a História da Enfermagem, observa-se que a percepção distorcida e errônea da profissão, logo preconceituosa, não é um fenômeno incomum, tampouco recente, tendo sua gênese, possivelmente, a partir da secularização do processo de cuidar, iniciado com a reforma protestante.²

Criou-se, em consequência disso, uma imagem negativa da enfermagem que persistiu pelos séculos posteriores, em muitos países europeus. Essa situação gerou o interesse de pessoas como o do pastor Theodor Fliedner que, após três séculos da Reforma, fundou um curso de enfermagem no qual as formadas eram chamadas diaconisas, a fim de evitar a errônea interpretação que se dava à palavra enfermeira, profissão subestimada na época.³

Não poderia aqui faltar o nome de Florence Nightingale que, por pertencer a uma família rica e aristocrática, encontrou dificuldades quanto à aceitação de sua família em relação à escolha de cuidar e prestar serviços em hospitais. Sua família ficava chocada e tentava dissuadi-la cada vez que ela mencionava o desejo de servir em algum hospital, porque era sabido que o ambiente exibia os mais baixos níveis de degradação, com falta de saneamento, ordem e limpeza. Uma das formas de dissuasão era proporcionar-lhe viagens e uma vida social ativa a ponto de distraí-la e desviá-la de seus propósitos. Não era, pois, comum que uma mulher aristocrática, rica e intelectual como Florence se interessasse em trabalhar ao lado de pessoas socialmente desqualificadas como Sarey Gamp, tal como descrita pelo contemporâneo escritor Charles Dickens, menos ainda com a idéia de substituí-las nos hospitais.⁴

Quanto à questão da não-visibilidade de certas atividades humanas na sociedade contemporânea, percebemos

que a enfermagem é uma atividade com certo atributo, ou seja, o da não-visibilidade, e a enfermeira, uma das mais estereotipadas dentre os profissionais da área da saúde. Nessa ótica, estereótipos negativos causam problemas para o grupo estereotipado, pois distorcem percepções e crenças desse grupo, podendo influenciar seus comportamentos, afetando a maneira como os membros de um grupo percebem e valorizam a si mesmos.⁵

A enfermagem é vista como subalternamente indispensável, pois a sociedade, que necessita ver os papéis de homem e mulher firmemente delimitados, resgata para essa profissão a mesma responsabilidade que sempre foi atribuída à mulher; qual seja, zelar pelo bom relacionamento na equipe, assim como a responsabilidade para permitir ao médico assistir o paciente sem preocupar-se com detalhes menos gloriosos, como manter o paciente limpo e confortável. Conseqüentemente, os profissionais repetem quase que à exaustão a ideologia de que o médico estudou mais, ou o fato de ele ser homem, sugerindo uma atitude de intimidação por falta de argumentos para dizer, por exemplo, "Dr., esta é a sua especialidade, mas este é o procedimento para o qual estou qualificada", a fim de marcar nossos espaços, derrubar barreiras e contribuir para o auto-respeito.⁶

Nas literaturas americana e inglesa, os textos relacionados ao preconceito foram mais direcionados à questão racial e também ao gênero masculino na enfermagem. Assim, Florence Nightingale, de fato, tornou a enfermagem uma profissão respeitável, recrutando jovens e senhoras da alta sociedade para formar um grupo de líderes que formavam as categorias *matron* e *sister*; ou seja, gerentes e supervisoras, mas também selecionou jovens de outras classes para fazer o trabalho mais pesado (*nurses*), que correspondiam às enfermeiras assistenciais. Ademais, em texto posterior, afirma-se que a enfermagem precisava de determinação e intelectualidade, e não mais submissividade e auto-sacrifício.⁷

Embora autores concordem que o estereótipo esteja mudando e que a enfermagem não é mais vista apenas como profissão essencialmente feminina, a verdade é que as mulheres na profissão continuam sendo a maioria absoluta de 90% ou mais.⁸

Ao discutirem a questão do gênero na enfermagem, mencionam que o próprio enfermeiro tem a responsabilidade de modificar a situação de que a profissão é pouco reconhecida e valorizada, constituindo-se em mais um obstáculo para ingresso do elemento masculino na carreira. O envolvimento dele com a profissão, o empenho em valorizá-la e torná-la respeitada são fundamentais para que ele enfrente o preconceito. É por meio de sua atuação que se forjará a imagem desejada para a enfermagem. Desse modo, se o enfermeiro deixar o "enclausuramento", os muros das instituições, para se mostrar e se fazer conhecer pela comunidade, envolver-se com os movimentos sociais, assumir como suas as entidades de classe, a enfermagem também será assim reconhecida socialmente.⁹

Com a explanação sobre a justificativa para a realização do estudo e a retrospectiva histórico-social sobre a temática, pontuamos os objetivos e a trajetória metodológica na consecução desta investigação.

OBJETIVOS

- Identificar a existência de possíveis preconceitos relacionados com a profissão de enfermagem e com os enfermeiros formados entre as décadas de 1940 a 2000.
- Levantar os tipos de preconceitos mais comuns percebidos pelos enfermeiros durante o curso de enfermagem e durante o exercício profissional.
- Reconhecer as pessoas que manifestavam esses preconceitos em relação à enfermagem ou aos enfermeiros.
- Caracterizar as formas de enfrentamento das situações consideradas preconceituosas pelos sujeitos do estudo.

ASPECTOS ÉTICOS E METODOLÓGICOS

Trata-se de um estudo de natureza quantitativa, histórico-social e exploratória. Para tanto, foram realizadas entrevistas com enfermeiros formados em diferentes décadas, de acordo com os seguintes critérios: terem os sujeitos participantes se destacado em atividades de liderança na profissão no âmbito nacional e/ou internacional, bem como residirem atualmente no Estado de São Paulo, a fim de facilitar o acesso dos pesquisadores.

A coleta dos dados foi realizada após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (USP), seguindo um questionário previamente elaborado para identificar o perfil dos colaboradores, contendo as seguintes variáveis: estado civil, ano de nascimento, sexo, faixa etária, escola em que estudou, cursos anteriores e posteriores à graduação em enfermagem, apoio da família na opção pela profissão, década da formatura e cidade/Estado de origem. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os dados coletados no questionário possibilitaram a construção dos resultados quantitativos deste estudo, os quais assumiram valores absolutos e percentuais pertinentes ao objeto e aos objetivos delineados previamente.

RESULTADOS

O total de colaboradores foi de 23, sendo 91% deles do sexo feminino e apenas 9% do sexo masculino; 43% deles são casados; 39%, solteiros; 13%, viúvos e 4%, divorciados. A maioria deles estudou na Escola de Enfermagem da USP, perfazendo 61% do total de participantes; os demais (39%) estudaram em outras instituições de ensino superior de enfermagem. A maior parte dos sujeitos formou-se na década de 1970 (35%); seguidos pelas décadas de 1940 (17%); 1950 e 1960

(13% cada). Desse total, 18% referem-se às décadas de 1980/1990 e 4% formaram-se em 2000.

Quanto ao apoio da família à opção pela enfermagem, 16 dos colaboradores receberam-no ao escolher a profissão (70%). Uma parte significativa dos respondentes, entretanto, mencionou que não foi apoiado pelas suas famílias (26%) e apenas um colaborador (4%) não respondeu a essa questão. Em relação a cursos posteriores à graduação em enfermagem a maioria dos colaboradores os realizou, seja em especialização (34%), seja *stricto sensu*, isto é, mestrado (32%), doutorado (26%), pós-doutorado (4%). Destaque-se, ademais, que um colaborador (2%) realizou curso diverso da enfermagem, após a graduação, isto é, de licenciatura.

Em relação aos cursos anteriores à graduação em enfermagem, constatou-se que o primeiro curso universitário, para a maioria dos sujeitos participantes deste estudo, foi o de enfermagem, com 74% das respostas. Do total de colaboradores, cinco deles realizaram cursos anteriores à graduação em enfermagem, sendo eles: Pedagogia, Técnico em Laboratório, Biologia, Biblioteconomia e Química. Apenas um sujeito não respondeu à indagação.

A FIG. 1 aponta que a maioria dos colaboradores percebeu o preconceito durante a graduação em enfermagem (61%). Uma parte importante dos respondentes (35%), entretanto, não percebeu situações consideradas por eles como preconceituosas durante a formação profissional e 4% não especificaram a respeito da percepção de preconceito.

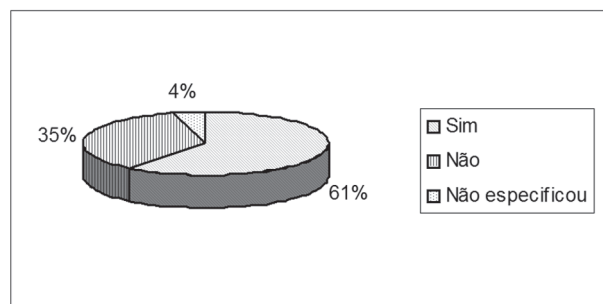


FIGURA 1 – Percepções em relação ao preconceito, por parte dos depoentes, durante a graduação em enfermagem – São Paulo – 2006

Fonte: Coleta de dados da pesquisa.

Dos enfermeiros que perceberam situações consideradas como atitudes preconceituosas, 55% mencionaram que elas despontaram entre membros da própria família, como pais, mães, irmãos e cunhados; 20% referiram-se aos amigos e colegas; 20% apontaram outras pessoas (médico de infância, membro da colônia árabe e namorado) e apenas 5% não souberam referir.

Dentre as atitudes preconceituosas, 48% dirigiram-se aos próprios colaboradores; 39% referiram-se a outros profissionais enfermeiros e 13% não observaram nenhum preconceito.

Em relação aos locais de percepção dos preconceitos pelos sujeitos da pesquisa, 54,2% referiram que as manifestações consideradas preconceituosas ocorreram dentro de instituições de saúde (hospitais, clínicas, unidades básicas de saúde, etc.); 12,5% mencionaram que tal percepção se deu nas próprias entidades formadoras (instituições de ensino em enfermagem). Não houve percepção de preconceitos por parte de 29,2% dos respondentes e apenas 4,1% deles mencionaram que o preconceito percebido ocorreu tanto nas instituições de saúde quanto nas de ensino de enfermagem.

Do total de respondentes, 59,1% revelaram que houve mudanças de atitudes das pessoas em relação ao fenômeno estudado e 18,2% relataram que persistem as situações de preconceito. Por outro lado, 22,7% não perceberam tais mudanças, alegando o afastamento da prática profissional por motivos de aposentadoria ou outros fatores pessoais.

DISCUSSÃO

É bastante comum o enfermeiro atuar em áreas emergentes, fazendo-se necessária uma especialização nas diversas áreas que o mercado de trabalho exige. Assim, há enfermeiros atuando em áreas administrativas, tais como auditorias de custo e contas hospitalares, até mesmo em relação à revisão de prontuários do cliente e contas médicas. Há, também, enfermeiros que atuam no ensino de enfermagem nos níveis profissionalizante e universitário, em pesquisas acadêmicas, na assistência e no gerenciamento dos serviços de enfermagem nas instituições de saúde. Desse modo, há necessidade de o profissional investir na sua capacitação permanente. Nessa perspectiva, ainda, percebe-se que vários enfermeiros atuam em áreas não tradicionais, pois vêm tentando adquirir um número maior de habilidades e conhecimentos para fazer frente a todos esses avanços, pois, quanto mais a tecnologia é desenvolvida, mais habilidade a enfermagem necessita.¹⁰

Esta investigação corroborou os achados da autora mencionada e nos possibilitou identificar que alguns colaboradores optaram realizar cursos posteriores à graduação de enfermagem, embora não tenham definido como objetivo a compreensão das razões que motivaram esses enfermeiros à opção por esses cursos.

Conforme a TAB. 1, um percentual relevante (35%) dos entrevistados considerou como atitude preconceituosa a comparação do profissional enfermeiro com o médico, em relação à crença, pelo usuário, de que o médico é mais bem capacitado que o enfermeiro e, pelos médicos, de que a titulação de doutor cabe-lhes apenas como categoria profissional. Também foi mencionado o descrédito como parte do preconceito percebido pelos sujeitos participantes, em relação ao enfermeiro. Outras

formas de preconceito seriam o fato de se considerar o médico mais bem capacitado para gerenciar os serviços de saúde e a “supervalorização” da categoria médica (no caso, o professor de medicina) em detrimento dos profissionais de enfermagem.

TABELA 1 – Atitudes consideradas preconceituosas por parte dos depoentes – São Paulo – 2006

Atitudes	N	%
Comparação do enfermeiro com o médico	9	35
Inferiorização do profissional enfermeiro	7	27
Enfermeira vista como “amante de médico”	2	8
Sentimentos de ciúmes por parte dos médicos em relação ao enfermeiro	1	4
Não houve/Não respondeu	7	27
Total	26	100

Fonte: Coleta de dados da pesquisa.

Percebe-se, ainda, o sentimento de inferiorização do enfermeiro (27%), mediante a constatação de que a enfermagem era uma profissão que executava atividades consideradas subalternas. Esse sentimento se manifestou em atitudes percebidas pelos colaboradores em relação à recusa dos clientes de se submeterem à consulta de enfermagem; à realização de treinamentos dos médicos separado dos enfermeiros; à falta de preparo do enfermeiro para área da educação profissional; e à pouca valorização das atividades do enfermeiro. Em 8% dos achados, constatou-se o preconceito relacionado à imagem da enfermeira como “amante do médico”. Em 4% das respostas, ressaltou-se a existência de sentimento de ciúmes por parte dos médicos em relação ao enfermeiro. Não houve resposta de 27% dos colaboradores.

Dados semelhantes foram encontrados em uma tese de mestrado, referente às atividades do enfermeiro, na qual foi identificada a concepção da enfermagem como profissão feminina, auxiliar da medicina, trabalho manual e trabalho subordinado às ordens médicas. De forma mais discreta, houve a percepção do estereótipo da enfermeira como símbolo sexual.¹¹

Em relação aos dados mencionados na TAB. 2, percebe-se que os colaboradores esboçaram várias formas de enfrentamento das situações por eles percebidas como preconceituosas. A maioria deles (44%) considerou que a aquisição de conhecimentos, competências e titulação acadêmica pode constituir-se elemento imprescindível para o posicionamento do profissional diante do preconceito.

TABELA 2 – Formas de enfrentamento, por parte dos depoentes, do preconceito que perceberam em relação ao enfermeiro ou à enfermagem – São Paulo – 2006

Respostas	N	%
Crença no potencial do enfermeiro e na capacitação	15	44
Relacionamento ético na abordagem com o usuário e a equipe multiprofissional	12	35
Ignorar as atitudes preconceituosas	2	6
Não responderam	5	15
Total	34	100

Fonte: Coleta de dados da pesquisa.

A competência consiste em habilidades, talentos e entendimentos que vão sendo adquiridos por meio de conhecimentos específicos, englobando a capacitação para a vivência da prática de enfermagem, pautada nos princípios éticos e legais.¹²

Assim, na formação geral do enfermeiro, faz-se necessária a construção das seguintes competências: previsão e provisão de recursos humanos e materiais, habilidades técnicas, comunicação, relações interpessoais e gerenciamento da assistência à clientela, a fim de assegurar a prestação de serviço de forma integral, atendendo às necessidades da coletividade social.¹³

Os colaboradores manifestaram a importância do relacionamento ético na abordagem com os usuários e a equipe multiprofissional (35%), além da capacidade para dialogar e assumir compromissos éticos em face dos desafios da profissão, fundamentada nas trocas de experiências, articulando as ações profissionais no âmbito do trabalho em equipe. Nessa ótica, respeito, profissionalismo, colaboração, confiança e honestidade constituem valores que norteiam essas ações. Por outro lado, uma parcela dos entrevistados (6%) considera que outra atitude de enfrentamento consiste em ignorar os comportamentos considerados preconceituosos.

Em relação à TAB. 3, 46% dos depoentes alegam que os valores éticos atribuídos ao enfermeiro – tais como: boa formação associada com conhecimento, disciplina, responsabilidade, honestidade e diálogo – são elementos que contribuem para minimizar ou reduzir as atitudes preconceituosas.

TABELA 3 – Atitudes que os depoentes julgaram mais importantes para minimizar ou reduzir o preconceito – São Paulo – 2006

Respostas	N	%
Valores éticos atribuídos aos enfermeiros	13	46
Ascensão profissional e poder	12	43
Ignorar	1	4
Não responderam	2	7
Total	28	100

Fonte: Coleta de dados da pesquisa.

A ascensão profissional e o poder, que agregam as competências, titulação acadêmica, oportunidades, foram referidos por 43% dos depoentes. Uma depoente, relatou que os preconceitos manifestados devem ser ignorados. Nessa ótica, o poder pode ser entendido como uma força que permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, devendo ser considerado uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social.¹⁴ Pode-se classificar o poder conforme o meio empregado para sua manifestação. Assim, existe o poder “econômico”, cujo meio é a riqueza; o poder “ideológico”, cuja moeda é o saber; e o poder “político”, que se vale da força como último recurso para sua manifestação.¹⁵ No caso em questão, referimo-nos ao poder cuja moeda é o saber.

Na ótica dos depoentes, foram identificados como possíveis causas do preconceito em relação à enfermagem (TAB. 4): qualidade deficiente do ensino, mormente de alguns cursos noturnos, e o número excessivo de escolas de enfermagem no nível superior. Em suma, 47% dos depoentes apontaram que essa precariedade na formação profissional tem repercutido na representação social da profissão. Nesse sentido, 18% dos entrevistados perceberam que o preconceito tem raízes culturais determinadas historicamente, manifestadas em discurso, como este: “Moça de família não faria enfermagem”. Além disso, 12% deles mencionaram que a presença de enfermeiros não comprometidos com o exercício ético da profissão pode prejudicar a imagem da categoria. A excedente mão-de-obra foi apontada como causa de desvalorização profissional por 12% dos entrevistados, o que é compreensível, se for relacionada à questão da má formação e ao grande número de escolas. Foi mencionado o fato de que alguns médicos questionam o embasamento técnico e científico dos enfermeiros (6%), e percentual igual referiu que a falta de experiência de alguns profissionais pode contribuir para a visão preconceituosa em relação à enfermagem.

TABELA 4 – Possíveis causas do preconceito em relação à enfermagem na ótica dos depoentes – São Paulo – 2006

Respostas	N	%
Má qualidade do ensino profissional	8	47
Questão cultural	3	18
Existência de enfermeiros não competentes e comprometidos no mercado de trabalho	2	12
Excedente de mão-de-obra	2	12
Medicina questionar o fazer da enfermagem	1	6
Falta de experiência de alguns profissionais	1	6
Total	17	100

Fonte: Coleta de dados da pesquisa.

CONCLUSÃO

Este estudo possibilitou a identificação de situações consideradas preconceituosas, relacionadas com a profissão de enfermagem em geral e com enfermeiros

em particular, em diferentes décadas passadas, sob a ótica dos sujeitos participantes na investigação. Assim, as manifestações de preconceito foram apontadas em diversos ambientes, por diferentes grupos sociais, até mesmo no âmbito familiar, e foram percebidas antes do ingresso no curso de enfermagem, durante a formação no bacharelado e no exercício profissional. Ademais, ressalte-se que os sujeitos da pesquisa, em sua maioria, possuem pós-graduação (*lato sensu* e *stricto sensu*) em enfermagem e alguns com cursos superiores anteriores e/ou posteriores à graduação nessa área. Constituem-se, portanto, em uma parcela da população de enfermeiros bastante diferenciada, quanto à formação e à participação em entidades de classe, podendo, inclusive, as suas percepções terem influenciado no *modus* de identificar possíveis causas, articular formas de enfrentamento e minimizar o preconceito em relação aos profissionais enfermeiros.

Este estudo contribuirá para o desvelamento das formas de enfrentamento das situações consideradas preconceituosas pelos enfermeiros, possibilitando, desse modo, buscar estratégias de reconhecimento social e a valorização dos enfermeiros, seja por meio da aquisição de conhecimentos e de competências, tanto na formação, quanto na atuação desses profissionais. Sendo assim, essa investigação pode despertar interesse por novas pesquisas, a fim de aprofundar questões e problematizações que envolvam o fenômeno estudado.

REFERÊNCIAS

1. Crochik JL. Preconceito: indivíduo e cultura. São Paulo: Robe; 1995.
2. Oguisso T. Trajetória histórica e legal da enfermagem. São Paulo: Manole; 2005.
3. Molina TM. Historia de la enfermería. Buenos Aires: Inter-Médica; 1973.
4. Miranda CML. O risco e o bordado. Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Anna Nery; 1996.
5. Pereira WR, Bellato RO. Trabalho da enfermeira: uma abordagem sob a perspectiva da teoria feminista. *Texto Contexto Enferm*. 1995; 4(1):66-82.
6. Souza JG. Autonomia e cidadania na enfermagem. *Texto Contexto Enferm*. 2000; 9(3):86-99.
7. Salvage J. Image changes. *Nurs Times*. 2001; 97(30):18.
8. Brasil. Conselho Federal de Enfermagem. O exercício da enfermagem nas instituições de saúde do Brasil: 1982-1983. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Enfermagem/Associação Brasileira de Enfermagem; 1985.
9. Vargens OMC. O homem enfermeiro e sua opção pela enfermagem [dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem da USP; 1989.
10. Gerolin FSF. Caracterização das atividades emergentes do enfermeiro na área hospitalar – O cuidar continua [dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem da USP; 1998.
11. Luchesi LB. Imagem do enfermeiro sob a ótica de alunos do ensino médio: elaboração de instrumento [dissertação]. Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP; 2005.
12. Koener J. Differentiated practice: the evolution of professional nursing. *J Prof Nurs*. 1992; 8(6):335-41.
13. Primn PL. Differentiated practice for ADN-BSN repared nurse. *J Prof Nurs*. 1987; 3(4):218- 25.
14. Foucault M. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
15. Escola Superior de Guerra. Subsídios para estudos dos fundamentos doutrinários. Rio de Janeiro: ESG; 1996.

Data de submissão: 25/6/2008

Data de aprovação: 30/12/2008